

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i3pi-ii>

## **Terapia Ocupacional e Programas de Pós Graduação: considerações sobre a situação atual**

**Selma Lancman**

**Elisabete Ferreira Mângia**

Editoras da Revista de Terapia Ocupacional

Os programas de Ciências da Reabilitação foram iniciados nos anos 1990 na perspectiva de propiciarem o ingresso e vinculação de docentes das áreas de Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Fonoaudiologia em Programas de Pós-graduação. Estão vinculados à área 21 da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) (órgão do Ministério da Educação que regula as atividades de Pós Graduação no país) que hoje abriga as áreas de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Educação Física.

Tais programas logo se mostraram restritivos e excludentes para os terapeutas ocupacionais, em especial no que concerne às exigências de publicações internacionais, já que os critérios estabelecidos para o credenciamento e permanência de docentes nesses programas se mostram distantes da Terapia Ocupacional, tanto no cenário nacional quanto no internacional. Como resultado, além da dificuldade de credenciamento de novos docentes da Terapia Ocupacional, parte daqueles já credenciados nesses programas não conseguem permanecer devido à falta de publicações consideradas mínimas para a área 21, especialmente nos programas de Ciências da Reabilitação.

Nesses quase 20 anos de história desses Programas, essa realidade pouco mudou. Os Programas obtiveram aumento de suas notas junto ao sistema CAPES, mas essa melhora, que trazia a promessa de programas mais estruturados, aumentou ainda mais a seletividade e o conseqüente descredenciamento de docentes da Terapia Ocupacional.

No ano de 2009, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) obteve sucesso na abertura do “Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional – PPGTO”, o primeiro Programa específico de Terapia Ocupacional na área 21. Aliada com outros docentes de Programas de Ciências da Reabilitação, conseguiu induzir a indexação de Revistas de Terapia Ocupacional internacionais e nacionais na composição dos critérios da área. Esperava-se com isso melhorar a tão sonhada produção e aumentar a inserção de terapeutas ocupacionais na pós-graduação.

Hoje, observa-se que o programa da UFSCar conseguiu se consolidar e progredir na escala de avaliação da CAPES. Além disso, houve aumento do credenciamento de docentes da Terapia Ocupacional em Programas de áreas afins, que desenvolvem um perfil interdisciplinar em sua composição, filosofia de trabalho e público alvo.

Todo esse processo, apesar de seus inegáveis pontos positivos, nos leva a algumas ponderações:

1. A produção média dos docentes e pesquisadores terapeutas ocupacionais cresceu pouco em relação às exigências crescentes da área 21;
2. Os processos de aposentadorias da primeira geração de docentes que compuseram os programas tem feito regredir a inserção de terapeutas ocupacionais nos programas de Ciências da Reabilitação, ou pelo menos avançar muito pouco. A reposição de docentes tem sido muito lenta, de modo que ainda não há novos professores em quantidade suficiente e com produção acadêmica necessária para repor os mais antigos e muito menos para alimantar o necessário processo de ampliação da área;

3. Tudo indica que o Programa da UFSCar, apesar de ter avançado em sua avaliação, também tem encontrado dificuldades para manter o patamar que ocupa e garantir que os novos professores consigam manter o Programa sem a colaboração dos antigos, mesmo contando com a participação de professores aposentados que permanecem na Pós Graduação como professores seniores;
4. Podemos afirmar que a Terapia Ocupacional, por possuir um número muito menor de profissionais e escolas em relação às demais áreas da saúde, não tem conseguido alavancar sua produção em relação aos critérios exigidos;
5. Podemos refletir também que nosso perfil pouco se identifica com a área 21 e que, talvez em outra área, nossa produção melhoraria. Mas esses argumentos ainda são insuficientes devido a indução exitosa de periódicos da área 21 e dos poucos dados que possuímos sobre a avaliação da nossa produção em outras áreas.
6. Não temos respostas para esse conjunto de questões, mas consideramos importante trazer essa reflexão para que possamos pensar nosso futuro acadêmico que certamente não se dará sem a nossa inclusão nos patamares de produção científica necessários para a consolidação da área e sem a nossa presença em Programas de Pós Graduação.